

SOCIEDADE E CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE 2

DENISE PEREIRA
ELIZABETH JOHANSEN
(ORGANIZADORAS)



Atena
Editora
Ano 2021

SOCIEDADE E CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE 2

DENISE PEREIRA
ELIZABETH JOHANSEN
(ORGANIZADORAS)



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Elizabeth Johansen

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S678 Sociedade e condição humana na modernidade 2 /
Organizadoras Denise Pereira, Elizabeth Johansen. -
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-795-6
DOI 10.22533/at.ed.956210902

1. Sociedade. I. Denise Pereira (Organizadora). II.
Elizabeth Johansen (Organizadora). III. Título.

CDD 302.5

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Stuart Hall (2006), quando analisou o conceito de identidade cultural, afirmou que o indivíduo, anteriormente reconhecido filosófica e sociologicamente como sujeito unificado, agora pode ser compreendido como descentrado ou fragmentado devido as mudanças estruturais que transformaram as sociedades modernas no final do século XX. Tais transformações de forma alguma devem ser analisadas como elementos de fragilização do indivíduo, tampouco da sociedade, pois possibilitaram o descortinar de um mundo múltiplo, permitindo o (re)conhecimento de processos socioculturais diversificados.

Concomitante as mudanças estruturais que transformaram as sociedades modernas no final do século XX, as produções científicas a partir desse período passaram a apresentar sinais decorrentes da intensificação e difusão da chamada “virada cultural”, promovendo questionamentos teóricos e estudos que não mais recusavam as expressões humanas, suas paixões e intencionalidades como objetos a serem pesquisados, mas demonstraram o quanto tais objetos eram capazes de precisar a multiplicidade dessas sociedades em transformação.

O presente e-book da coleção Sociedade e Condição Humana na Modernidade II exemplifica as reflexões apresentadas acima, pois ao reunir trabalhos acadêmicos em que as narrativas individuais e o cinema são utilizados como fonte central de pesquisa, assim como investigações que voltaram o olhar para mulheres, indígenas, portadores de necessidades especiais e membros de irmandade negra, referenda tanto o entendimento de que o mundo é múltiplo social e culturalmente, quanto confirma que o campo científico acompanhou as transformações que a sociedade como um todo vivenciou. Prova disso é a temática da sustentabilidade, que norteia não apenas um dos artigos, mas é questão contemporânea de debates políticos, econômicos, culturais, científicos e sociais nas esferas local, nacional e internacional.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Elizabeth Johansen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“CINEMA INDÍGENA”, ¿UM INSTRUMENTO PARA A DECOLONIZAÇÃO? María José Torres Idrovo DOI 10.22533/at.ed.9562109021	
CAPÍTULO 2	14
NARRATIVAS COMO DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO PARA PEDAGOGOS: REFLEXÕES SOBRE O APRENDER E O ENSINAR MATEMÁTICA Claudene Ferreira Mendes Rios DOI 10.22533/at.ed.9562109022	
CAPÍTULO 3	30
SURDEZ: NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA DA CARREIRA ACADÊMICA E PROFISSIONAL DE UM PROFESSOR DE LIBRAS DO ENSINO SUPERIOR Roberto Antonio Alves Luci Pastor Manzoli Caroline Hellen Rampazzo Alves DOI 10.22533/at.ed.9562109023	
CAPÍTULO 4	39
PERSONAGENS FEMININAS DE HARPER LEE EM <i>O SOL É PARA TODOS</i> Valéria Biondo Heloise Roma Leite DOI 10.22533/at.ed.9562109024	
CAPÍTULO 5	55
A IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA CIDADE DE SÃO PAULO: REPRESENTAÇÕES DA CULTURA AFRICANA E TÁTICA DE RESISTÊNCIA (1778-1872) Fernanda Moreno Rosa Araujo DOI 10.22533/at.ed.9562109025	
CAPÍTULO 6	71
SUSTENTABILIDADE E A POSSIBILIDADE DE CIDADES SUSTENTÁVEIS Marcio Valério Effgen Flavia Nico Vasconcelos DOI 10.22533/at.ed.9562109026	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	86
ÍNDICE REMISSIVO	87

CAPÍTULO 1

“CINEMA INDÍGENA”, ¿UM INSTRUMENTO PARA A DECOLONIZAÇÃO?

Data de aceite: 01/02/2021

Data de submissão: 04/11/2020

María José Torres Idrovo

Instituto de Iberoamérica

Universidad de Salamanca

Institut des Hautes Études Latino-américaines

Université Sorbonne III

FLACSO – Ecuador

Quito-Ecuador

RESUMEN: Las representaciones de lo indígena están plagadas de visiones colonialistas que limitan su poder a nivel político, cultural y social. Bajo la perspectiva de la sociología de la cultura, la comunicación social y la antropología visual, este trabajo se enfoca en cómo se ha construido la imagen del indígena ecuatoriano en soportes visuales, así como sus implicaciones a nivel político. Para ello, nos fundamentados en un estudio de caso de la productora audiovisual Rupai creada por Alberto Muenala, director cinematográfico indígena. La imagen es estudiada como una herramienta de conocimiento, que participa en la definición de identidades sociales. En este sentido puede potenciar una re-significación de la sociedad latinoamericana y la jerarquía etno-cultural que la caracteriza.

PALABRAS CLAVE: Colonialidade, representação, indígena, imagem, decolonização.

“INDIGENOUS CINEMA”, ¿A TOOL FOR DECOLONIZATION?

ABSTRACT: Representations of indigenous Latin-Americans are characterized by a colonialist vision which limits political, cultural and social power. Cultural sociology, social communication and visual anthropology drive this investigation to the analysis of how the image of indigenous Ecuadorians has been constructed in visual supports and the political consequences. This work is based in a case study of the audiovisual producer Rupai created by Alberto Muenala, an indigenous cinematographic director. Image is considered as a tool for knowledge that builds social identities. In this sense, image can participate in a re-signification process of Latin-American societies and ethno-cultural hierarchy.

KEYWORDS: Colonization, representation, indigenous, image, decolonization.

1 | INTRODUCCIÓN

Representar implica definir, y definir equivale a determinar, fijar, decidir cómo es. En otras palabras, a través de la representación (verbal o visual) retratamos la realidad, pero a su vez la construimos. Es una fuente de poder. El que define a los “otros” construye imaginarios. Muchas veces, en la búsqueda de la objetividad y la verdad universal, olvidamos que somos, nosotros mismos, resultado de una historia, provenientes de un medio cultural particular y a la vez del mundo globalizado, con una subjetividad que muchas veces provoca

que el acto de mirar no sea neutro. Nuestras capacidades para representar están filtradas por nuestra experiencia.

Incluso la ciencia, monarca de la objetividad, ha debido integrar el peso de las representaciones subjetivas en sus análisis para dar cuenta de la realidad. Una teoría científica es considerada sistemáticamente como “verdadera”, y en paralelo se califica de “creencia”, “mito” o “superstición” aquellas realidades que no corresponden a sus conclusiones comprobables. Sin embargo, en lo que concierne la problemática de la identidad y la etnicidad, es necesario remitirse a Bourdieu, quién escribe sobre la “necesidad de someter los conceptos de la ciencia social a la crítica epistemológica y sociológica” (1979, p.1).

*“No se puede comprender esta forma particular de lucha de clasificación que es la lucha por la definición de la identidad “regional” o “étnica” al menos que **superemos la oposición que la ciencia tiene que operar**, para romper con las prenociones de la sociología espontánea, **entre la representación y la realidad**; y bajo la condición de incluir dentro de lo real la representación de lo real, o más exactamente la lucha de las representaciones, en el sentido de imágenes mentales, pero también de manifestaciones sociales destinadas a manipular las imágenes mentales” (Bourdieu, 1979, p.65).*

Esto quiere decir que muchas veces lo “real” científico deja de lado otras representaciones de la realidad. La tecno-ciencia occidental se convierte en la “realidad” hegemónica, otros modos de comprensión del mundo son considerados “periféricos” o “subalternos”. Se marca una jerarquía de los conocimientos considerando como “más válido” el pensamiento occidental que el pensamiento del resto de culturas del mundo. Los imaginarios sociales de occidente se convierten en verdades naturalizadas que resultan muy difíciles de cuestionar. Todo el sistema-mundo, a nivel económico, político, cultural y social tiene como centro la cultura occidental. Este fenómeno es conocido como eurocentrismo.

Los cimientos del eurocentrismo se encuentran en la colonización.

La modernidad no es sinónimo de progreso. La modernidad es una época histórica que empieza con la llegada de Colón a América en 1492. Se caracteriza por (1) un modelo económico de tipo industrial-capitalista fundamentado en el desarrollo de la tecno-ciencia, (2) por la construcción de Estados-Nación y (3) por la emergencia de sociedades de masa.

El cine y la fotografía nacen de la modernidad permitiéndonos visualizar los imaginarios de esta época.

“El dispositivo cinematográfico, en tanto, tecnología social y aparato semiótico, expresa un régimen discursivo y visual que configura un determinado tipo de sujeto inmerso en relaciones de dominación y poder” (León, 2010, p.35)

Las tecnologías visuales dan cuenta explícita de la sumisión e invisibilización de las culturas “otras”. A inicios del siglo XX, un afamado fotógrafo José Domingo Laso decidió raspar sus placas de impresión para desaparecer a los personajes indígenas que allí

aparecían, con la intención de proyectar una imagen de un “Quito moderno”. En el lugar que ocupaban los indígenas, queda una huella o una especie de fantasma de su presencia. Su bisnieto, François Laso, reúne las fotografías de su bisabuelo en una exposición llamada “La Huella Invertida: Miradas de José Domingo Laso” en el Museo de la Ciudad de Quito, basada en una investigación que realiza en el programa de maestría en Antropología Visual de FLACSO - Ecuador. (Laso, 2015)



Fotografía (detalle) José Domingo Laso, del álbum *Quito a la vista*. Plaza Grande, 1910, Quito en Laso (2015)

Tratamos entonces la investigación desde dos aristas: el análisis de las imágenes mentales alrededor del indígena ecuatoriano representadas en soportes visuales (fotografía y cine); y las condiciones materiales y objetivas en las que se realizan estas imágenes.

2 | METODOLOGÍA

Para la investigación teórica fue indispensable un trabajo historiográfico para vincular las experiencias locales a la colonialidad del sistema-mundo. En cuanto a la investigación de campo se optó por métodos de investigación cualitativa dado que fenómenos como la discriminación se dan muchas veces a nivel inconsciente por lo que difícilmente aparecen en los análisis estadísticos. Se realizó un estudio de caso fundamentado en entrevistas en profundidad a informantes clave, entrevistas semi-abiertas a actores culturales asociados a la producción de imágenes, observación participante en rodajes de películas, análisis de imágenes de archivo y de medios de comunicación, así como una investigación visual a partir de fotografías etnográficas.

El trabajo de campo fue realizado principalmente en la comunidad de Peguche, a 3km de Otavalo en la provincia de Imbabura, pues es ahí donde se ubica la sede de la productora de cine Rupai, organización no gubernamental creada en 1987. Peguche es

además un importante centro socio-cultural y simbólico de las culturas andinas. Para los Pueblos y Nacionalidad ecuatorianos, así como para algunos mestizos, este es un centro energético. La cascada es visitada por los *Yachacs* (*shamanes*, curanderos y sabios) como parte de sus prácticas curativas y es el lugar privilegiado para el baño ritual comunitario durante el Inti Raymi, fiesta de renovación durante el solsticio (21 de junio).

3 | RESULTADOS

Los campos sociales de acción en el Ecuador están estructurados sobre la base de una jerarquía etno-cultural que clasifica como superior al blanco, seguido por los mestizos y califica de inferior al indio y al negro. Se deslegitiman los conocimientos de estos últimos, y se valoriza los saberes asociados a la modernidad occidental. Como afirma Poole (2000), “la ‘raza’ proporcionó el lenguaje científico a través del cual se podría describir, clasificar y subordinar a los ‘nativos’ como tipos humanos que los europeos vieron como moralmente inferiores.” Este imaginario se ve reflejado en la manera de retratar a indígenas (Figura 1) y a occidentales (Figura 2) durante el siglo XIX¹. Las imágenes no son más que las manifestaciones de un sistema de opresión profundo: la colonización. Los indígenas son representados como un grupo de seres exóticos, “primitivos” y “salvajes” mientras que el occidental se representa como un individuo “civilizado”, poderoso y dotado de conocimiento. La diferencia salta a la vista, a través de la fotografía se mantiene la superioridad del hombre blanco occidental.



Figura 1: “Despiojadores” de los Andes, Cartes de visite recogidas por Deborah Poole (2000).

¹ “Las imágenes de indígenas se relacionan directamente con la representación costumbrista de oficios que explota el exotismo como forma de representación de la nación” (León, 2010, p.31)



Figura 2: Carte de visite hecha por el fotógrafo Disdéri en Francia, recogida de www.ivasfot.com

Históricamente, el Ecuador ha representado lo indígena de una manera folclorizada. Sus vestimentas, danzas y oficios constituyen las principales características de la puesta en escena. A través de estas imágenes no conocemos subjetividades, personalidades, intenciones o sentimientos de los que fueron representados. Más que “retratos” donde se representa la individualidad peculiar de un ser, estas imágenes obedecen a la lógica de “tipos” humanos. (Poole, 2000)

La independencia y la creación de la República del Ecuador en 1830 no acabó con la colonialidad. Actualmente, en el siglo XXI, sigue vigente y se manifiesta en los distintos ámbitos de la sociedad. La colonialidad del poder, del saber, del ser y del ver² caracteriza a nuestras sociedades latinoamericanas que se mantienen subyugadas al sistema-mundo a nivel económico, científico, religioso, cultural, etc. El discurso del “desarrollo” y el “sub-desarrollo” es la expresión más clara de la vigencia del sistema colonial. Pues el “modelo de desarrollo” viene del centro de poder occidental y la periferia está conformada por los “países en vías de desarrollo”, antiguas colonias que logran tener apoyos económicos en instancias internacionales si cumplen con los cánones del “modelo de desarrollo global”. Consideramos entonces a **la colonialidad como la base de la modernidad y el desarrollo occidental**.

En Ecuador justamente, la reacción frente a las crisis político-económicas de la última década del siglo XX fue la migración masiva de la población hacia occidente. Otavalo no fue la excepción, es uno de los pueblos que se ha caracterizado por sus desplazamientos a nivel internacional. Los intercambios que mantiene esta población con el resto del mundo no solo se hacen de adentro hacia afuera, sino que Otavalo es también un importante centro turístico del mundo globalizado. La feria o mercado artesanal que se instala cada sábado en la plaza central es reconocida a nivel internacional y acude mucha gente a adquirir tejidos, vasijas, joyas, esculturas, pinturas, discos de hip hop en *kichwa*, entre tantos productos

² Conceptos acuñados por el grupo Modernidad/Colonialidad

más. La mezcla de lo local y lo global marca el ritmo del lugar. También se encuentran en este mercado películas, que se proyectan en pequeños televisores de los puestos de venta. La migración, el crecimiento económico, el comercio con mercados internacionales y el abaratamiento de la tecnología han permitido un acceso más generalizado a filmadoras, televisiones, cámaras fotográficas, computadoras e internet. Muchos en Otavalo filman actualmente su cotidianidad.

“La significación en el lenguaje es vista como una práctica y no como un reflejo neutro de la realidad. (...) Los medios de comunicación y las industrias culturales juegan un rol primordial, pues producen rejillas de descripción de la realidad y consecuentemente participan en la “producción del consentimiento” (Hall, 2007, p.117).

Alberto Muenala es uno de los profesionales de la imagen en Imbabura. Es el creador de Rupai, una productora indígena de cine que se instaló en Peguche a 3km de Otavalo “con el fin de impulsar procesos de educación bilingüe, multiculturales y de comunicación de los pueblos indígenas”. Muenala se ha desempeñado como coordinador general del *Consejo Latinoamericano de Cine y Comunicación de Pueblos Indígenas* y del *Primer Festival de Cine Indígena Latinoamericano* organizado por indígenas. El análisis de las películas realizadas por Rupai y asociados, nos permite reconocer que las imágenes creadas portan *otra mirada*, diferente a la que nos acostumbraron los documentales distantes de inicios del siglo XX que muestran lo “exótico” de los “otros”. Ya no se trata de los indígenas sufrientes de las pinturas de Guayasamín o de los nativos exóticos de las imágenes estudiadas por Poole. **El cambio de imágenes revela un cambio de imaginarios. Vemos en las imágenes personas indígenas que dialogan horizontalmente, que se enfrentan a divisiones internas, que buscan contrarrestar los efectos depredadores de la economía extractivista, que preservan sus tradiciones al mismo tiempo que intercambian con la globalización.**

La película *Ayllu*³ (2009) dirigida por Joshi Espinosa, colaborador de Rupai, nos presenta una historia de desamor provocada por la migración. Vemos personas indígenas contemporáneas que hablan español, inglés y kichwa. (Figura 3 y 4) Es una representación de la identidad indígena bastante flexible, en la que conviven prendas autóctonas (principalmente las mujeres portan anacos, chumbis, manillas, gualcas, cintas y alpargatas) y vestimenta moderna (jeans, camisas, zapatos deportivos); comida tradicional y globalizada; así como la relación cotidiana con la tecnología. Estas imágenes de lo indígena en el siglo XXI marcan una ruptura con las representaciones anteriores.

3 Ayllu significa núcleo familiar en kichwa



Figura 3: Fotograma de “Ayllu”: fritada y choclo, comida tradicional andina



Figura 4: Fotograma de “Ayllu”: conversación telefónica sobre estudios en el extranjero

La película *Killa*⁴ (2017) dirigida por Alberto Muenala marca un nuevo punto de inflexión para el cine ecuatoriano. Es el primer largometraje de ficción en *kichwa* en la historia del país. Ha sido proyectado en distintas comunidades indígenas de Imbabura y las ciudades capitales como Quito, Guayaquil, Cuenca, Ambato e Ibarra. Llegó a las principales salas de cine comercial del país. Se proyectó en Bolivia, en Chicago y New York. Nos cuenta una historia en la que podemos reconocernos la gran mayoría, incluso más allá de las fronteras de América Latina: la explotación de recursos y la lucha por la tierra. A través de la relación amorosa entre los dos protagonistas Sayri y Alicia, nos narra el conflicto por la defensa de los territorios frente a la explotación minera.

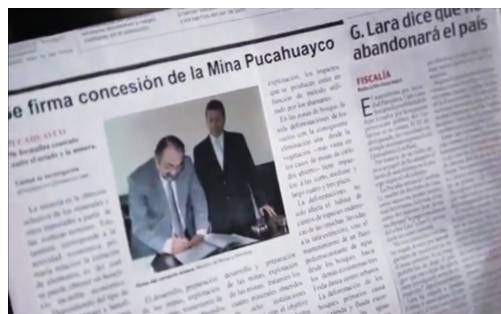


Figura 5: Fotograma de “Killa”: noticia sobre concesión minera firmada por el padre de Alicia que representa al Estado

En el Ecuador, después del petróleo, la minería ha sido la gran apuesta económica. La voluntad política de explotar minerales a gran escala ha resultado en la concesión de parcelas en la costa, en los Andes y en la Amazonía. Los campos de explotación han sido distribuidos incluso en reservas ecológicas, atentando contra la constitución del Ecuador que atribuye derechos a la Tierra y prohíbe la explotación en zonas de mega-biodiversidad.

⁴ Killa significa luna en kichwa

La contaminación de agua, aire y suelos, el desplazamiento obligado de poblaciones que sido invadidas en sus territorios son los resultados directos de la explotación de recursos para el mercado mundial. *Killa* nos lleva al centro de esta lucha, donde las tomas de decisiones políticas se hacen en un ambiente de corrupción, intimidación y presión. En la película, el gobierno está representado por el papá de Alicia, funcionario público encargado de aprobar las concesiones mineras. Enfrentado a la oposición de las organizaciones indígenas, empieza la explotación a escondidas, gana dinero con los contratos públicos, persigue y encierra a aquellos que lo denuncian. Los personajes humanizan el conflicto social ecuatoriano: el Estado concentra el poder alrededor de un individuo representado por el padre funcionario (aliado con un indígena infiltrado) en contra de las organizaciones indígenas que deciden enfrentar a las empresas mineras.



Figura 6: Fotograma de “Killa”: líder de las organizaciones indígenas en la TV anuncia manifestaciones

Se destaca en el film la toma de decisiones políticas, consensuadas en asamblea de hombres y mujeres líderes indígenas, encargados de transmitir a cada comunidad. Estas asambleas muestran un poder distribuido en varias manos en contraposición al poder centralizado del Estado.



Figura 7: Fotograma de “Killa”: asamblea de mujeres y hombres para la toma de decisiones colectiva

Lo indígena ya no es representado como una sola fuerza esencializada, sino más bien se revela las fracturas internas dentro de las comunidades. Por un lado, se representa a los indígenas en resistencia y organizados comunitariamente para la defensa de sus territorios, profesionales de distinta índole que emplean las tecnologías de información y comunicación para incidir en la sociedad. Y en paralelo, también están representados los indígenas que espían y hacen acuerdos con las autoridades mestizas en beneficio propio. Al respecto, Frida Muenala, hija del director, considera que estas representaciones diversas son más acordes a la realidad: “*Killa* aborda temas actuales que están pasando en las comunidades rurales y urbanas, de cierto modo rompe con el estereotipo que los medios de comunicación y el cine han creado sobre los indígenas y muestra una cara fresca, alejada de la mirada paternalista; y que además no victimiza pues también evidencia los problemas que hay dentro de la organización de los Pueblos y Nacionalidades”.



Figura 8: Fotograma de “Killa”: círculo de Aya Huma, personaje tradicional andino

Aunque las nuevas representaciones ahonden en la diversidad en el seno de las identidades indígenas, no se deja de lado la importancia de retratar lo común y autóctono: “El uso del *kichwa*, actores naturales de la comunidad, celebraciones sagradas como el Inti Raymi, que además es importante y cobra fuerza dentro del hilo narrativo de la película. El soundtrack y diseño sonoro es abordado e inspirado en los ritmos e instrumentos Andinos” son las características que Frida destaca como representativas de su cultura.

Otro de los rasgos característicos de las culturas indígenas andinas es la ritualidad. *Killa* ahonda en la importancia de la sacralidad en la cotidianidad. En la pantalla se representan costumbres que han permanecido desde épocas pre-coloniales, en las que los elementos naturales agua, tierra, fuego y aire son las fuerzas constitutivas de la vida y por ello se les rinde culto. Se ofrenda alimentos, se limpia con alcohol y se bendice con tabaco. Se reconoce a los ancestros y su legado. Se honra a las montañas considerándolas Taitas⁵ y Mamas, se pide su protección y guía. De esta manera, a través del cine se busca

⁵ Padres en kichwa

transmitir la filosofía andina. Aunque, pesar de esta intención, sorprenden ciertos detalles, como la vestimenta que no corresponde del todo a los usos y costumbres tradicionales. Las mujeres están vestidas con telas amarradas que recuerdan más bien a la antigüedad griega.



Figura 9: Fotograma de “Killa”: limpia ritual

La importancia brindada a la familia es otra de las características fundamentales. Los personajes, tanto indígenas como mestizos se rigen por la influencia prioritaria que sobre ellos tiene su familia. De hecho, uno de los grandes conflictos sucede alrededor del personaje de Alicia quién por ser fiel a su padre, renuncia a sus propias convicciones y no denuncia la explotación minera. En paralelo, la relación que tiene Sayri con su padre es la que guía al protagonista a medida que avanza la trama. Al mismo tiempo que se retrata lo autóctono, se dibujan rasgos comunes de las diferentes culturas.



Figura 10: Fotograma de “Killa”: Alicia y su padre



Figura 11: Fotograma de “Killa”: Sayri y su padre.

Recapitulando, vemos que el dispositivo cinematográfico sirve en primer lugar como un documento de memoria al registrar en un soporte material las vivencias e imaginarios de los Pueblos y Nacionalidades. Antes transmitidas por medio de relatos orales, gracias al audiovisual pueden ser infinitamente reproducibles y no están limitadas al contacto directo

con los narradores. El audiovisual, al recoger palabras directamente, resulta más apto que los textos escritos para culturas de tradición oral ancestral. Alberto Muenala nos dice al respecto que “la gente no lee, pero con gusto ve imágenes”. Sobre todo, se destaca la importancia del trabajo de registro de las historias de los ancianos para la memoria y la identidad colectiva. En este sentido, es un importante documento histórico que da visibilidad a las vivencias “subalternas” con las palabras propias de los protagonistas. Muy diferente del “ventrilocuismo”⁶ de las producciones audiovisuales de inicios del siglo XX en las que ni siquiera se escucha la voz de los retratados, mucho menos sus ideas y lenguaje propio.

Por otro lado, se le atribuye capacidades pedagógicas al audiovisual para dar a conocer diversos saberes y modos de vida, pero también para generar debates y reflexión. Se presenta como un soporte de proyección de la cotidianidad y, en este sentido, puede constituirse como herramienta de auto-conocimiento. La posibilidad de verse a sí mismos proyectados en la pantalla genera una puesta en perspectiva, que permite muchas veces ver situaciones que de otras maneras no se hacen perceptibles. Gilberto Roldan, ex-alumno de Rupai, proveniente de la comunidad Ayapo Quichalán en Chimborazo, reflexiona al respecto: al presentar su película sobre sistemas de riego en su comunidad, la reacción fue debatir sobre lo que no funcionaba y se formularon propuestas para mejorar su propio sistema. Es decir que al verse representados en la pantalla resultó evidente una consciencia crítica sobre sus prácticas y vivencias.

En lo relacionado específicamente con la identidad, el video y el cine también funcionan como una herramienta de auto-reconocimiento. Al componer las imágenes existe una búsqueda constante de “elementos propios”. El tratamiento que se le da a la lengua *kichwa* en las películas es el principal ejemplo: durante el rodaje del cortometraje *En tus manos* de Frida Muenala, la decisión fue hablar en *kichwa* en los momentos más íntimos del personaje (en una declaración de amor, cuando siente angustia por la muerte, o se enoja). En el proceso mismo de filmación también se evidencian las tradiciones ancestrales, al rodar se busca coherencia con los valores de la filosofía andina: se hace una *chaya*⁷ antes de iniciar las tomas, a manera de saludo, permiso y homenaje al lugar de acogida, a la *Pachamama*, Madre Tiempo-Espacio donde van a ser filmadas las escenas.

6 Concepto acuñado por Andrés Guerrero (1994), citado en León (2010, p.45)

7 Círculo de bendiciones y agradecimientos.



Figura 12 y 13: Fotografías etnográficas de la Chaya o círculo de bendiciones para empezar el rodaje. Están presentes en el círculo, además del staff de producción del cortometraje, representantes vascos de AECID.

En lo que concierne la especificidad de las nuevas representaciones, no podríamos afirmar que el “cine indígena” hace uso de un lenguaje cinematográfico particular y específico, pero lo que sí podemos decir es que las imágenes de las últimas décadas del siglo XX y del siglo XXI marcan un giro en la historia de la cultura visual ecuatoriana, emergen representaciones que no han sido vistas antes y buscan romper con estereotipos simplistas. El poder de estas imágenes para generar nuevos significados e incidir en los códigos vigentes reside en presentar una identidad indígena flexible que no pretende encasillarlos como representantes de un pasado originario ancestral, puro e inmóvil. Tampoco son retratos con características absolutas que corresponderían a una “esencia” indígena. Vemos personajes complejos, enfrentados a los vaivenes de la modernización global, pero que buscan dar valor a sus tradiciones y reflexionan sobre sus costumbres. Se presenta en las pantallas una voluntad explícita de reivindicar lo indígena como una identidad particular en diálogo con lo nacional y lo internacional. Es decir, el cine hecho por personas indígenas presenta las relaciones interculturales de los Pueblos y Nacionalidades. La presencia generalizada de paisajes locales también crea un cuadro de referencia propio, una territorialización de las historias que se cuentan, un reconocimiento de los entornos cercanos. Por otro lado, al recoger la literatura oral, el lenguaje cinematográfico debe adaptarse a las convenciones narrativas, lo que tiene como resultado una particular manera de contar.

4 | CONCLUSIONES

Las imágenes participan en la construcción de imaginarios colectivos, consolidan estereotipos o los cuestionan, confirman la historia oficial o nos cuentan otras versiones. Son, en este sentido, una herramienta de poder pues a través de ellas se construye la sociedad y el sentido de realidad. La gente, que se mira a través de la fotografía, la pintura o el cine, se reconoce a sí misma y a los demás, conformando su marco de referencia consciente

e inconscientemente. Son recientes las imágenes que nos presentan *otra mirada* sobre lo indígena. El Ecuador cumplirá pronto 200 años de vida republicana independiente, sin embargo, el legado colonial sigue vigente. La superioridad occidental marca las relaciones cotidianas y la influencia del “modelo de desarrollo” occidental influencia profundamente las decisiones de las instituciones nacionales.

Mirar a través del cine la cotidianidad indígena nos permite reconocernos como latinoamericanos. Las imágenes, además de ser fuente de conocimiento, tienen un profundo valor histórico, son soportes de la memoria. En un contexto regional de colonialidad, conocer la historia y las realidades indígenas es un acto de liberación, conciencia y responsabilidad colectiva.

REFERENCIAS

BOURDIEU, Pierre. **La distinction : critique sociale du jugement**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.

HALL, Stuart. **Identités et cultures. Politiques des Cultural Studies**. Paris: Éditions Amsterdam, 2007.

LASO Francois. **La huella invertida: Antropologías del tiempo, la Mirada y la memoria. La fotografía de José Domingo Laso 1870-1927**. Quito: FLACSO, 2015

LEÓN, Christian. **Representando al otro. El documental indigenista en el Ecuador**. Quito: Ed. La Caracola, 2010

POOLE, Deborah. **Visión, Raza y Modernidad: Una Economía Visual del Mundo Andino de Imágenes**, Lima: Ed. SUR, 200

QUIJANO, Anibal. “Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América Latina” en LANDER (comp) **Colonialidad del saber y Eurocentrismo**. Buenos Aires: Ed. UNESCO-CLACSO, 2000.

TORRES, María José. **La difícil puesta en marcha de la interculturalidad en el Ecuador. El cine indígena ¿una herramienta de conocimiento y nuevas representaciones?** España: TFM Universidad de Salamanca, 2012

ÍNDICE REMISSIVO

C

Cidades 34, 35, 71, 72, 80, 81, 82, 83, 84

Colonialidade 1

Compromisso 26, 55, 56, 58, 59, 64, 66, 68, 69, 70

Crise 44, 59, 72, 77, 79

Cultura africana 55, 58, 64, 69, 70

D

Decolonização 1

Documento 10, 11, 55, 56, 59, 68, 75

E

Educação de surdos 30, 33, 38

Escravidão 43, 44, 55, 70

F

Feminismo 39, 53

Florestas 72, 73, 74

H

Habilidades 27, 31, 33

I

Igreja 55, 56, 57, 58, 59, 65, 68, 69

Imagem 1, 82, 83

Indígena 1, 3, 5, 6, 8, 9, 12, 13

Irmandades religiosa 55

L

Libras 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38

Língua portuguesa 17, 31, 35

Literatura norte-americana 39

M

Meio ambiente 72, 74, 75, 76, 77, 80, 84, 85

Metodologia 20, 34

Movimento 17, 21, 23, 25, 26, 40

Mulher 39, 40, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 54, 67

N

Narrativas 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 58

O

O Sol é Para Todos 39, 40, 41, 42, 43, 45, 52

P

Pesquisa 14, 15, 17, 18, 23, 26, 28, 29, 30, 31, 37, 38, 52, 55, 56, 57, 63, 66, 71, 84

Políticas públicas 71, 72, 73, 76, 80, 81, 82, 83

Poluição 72

Prática de formação 14, 17, 18, 21, 28

Q

Questões de Gênero 39, 42, 45, 52

R

Relato (auto)biográfico 30

Religião 57, 58, 65, 70

Representação 14, 15, 40, 41, 42, 43, 55, 70, 81

Representações matemáticas 14, 16

Resistência 14, 16, 19, 23, 25, 39, 50, 53, 55, 56, 58, 60, 62, 69, 70

S

Sociedade 39, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 56, 59, 60, 61, 62, 64, 76, 78, 79, 80, 85

Surdez 30, 31, 32, 33, 37, 38

Sustentabilidade 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85

SOCIEDADE E CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

SOCIEDADE E CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 